

COMENTÁRIO BÍBLICO

Domingo de Ramos – Ano A

05abril2020

Entrada messiânica de Jesus em Jerusalém: S. Mateus 21, 1-11

¹Estavam já perto de Jerusalém, e tinham chegado à povoação de Betfagé, no Monte das Oliveiras. Jesus mandou então dois discípulos² com este recado: «Vão àquela povoação ali em frente. Logo que lá entrarem, hão-de encontrar uma jumenta presa e um jumentinho com ela. Soltem-nos e tragam-mos. ³Se alguém vos disser alguma coisa respondam que o Senhor precisa deles. E ele em breve os manda entregar.»

⁴Isto aconteceu para que se cumprissem as palavras do profeta: ⁵Digam ao povo de Sião: O teu rei vem ter contigo! Vem, humilde, montado numa jumenta e num jumentinho, filho dum animal de carga”. ⁶Os discípulos foram e fizeram exatamente o que Jesus lhes tinha mandado. ⁷Trouxeram a jumenta e o jumentinho, puseram as suas capas sobre os animais e Jesus sentou-se em cima. ⁸Uma grande multidão estendia as suas capas no caminho, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo chão fora. ⁹E tanto as pessoas que iam à frente de Jesus como as que iam atrás exclamavam:

«Glória ao Filho de David! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Glória a Deus nas alturas!». ¹⁰Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou em alvoroço e perguntavam: «Quem é este?» ¹¹E da multidão respondiam: «Este é Jesus, o profeta que é de Nazaré da Galileia!»

No Domingo de Ramos inicia-se o último período da vida de Jesus – a Semana Santa – durante a qual somos interpelados pelos trágicos acontecimentos da sua paixão e morte. Começa com um grito de glória «Glória ao Filho de David! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Glória a Deus nas alturas!» e termina com uma ambiência de festa e de alegria na celebração da Ressurreição de Jesus.

Neste Evangelho Jesus entra em Jerusalém, a Cidade Santa para os Judeus, e é recebido em tom festivo, com enorme entusiasmo. Segundo os estudiosos da história antiga dos judeus, era costume da gente daquela cidade, como manifestação de boas vindas, ir receber os peregrinos, sobretudo aqueles que traziam ao Templo os primeiros frutos da estação, e entrar com eles em alegre cortejo (Romano Guardini). Mas, quanto àqueles que acompanham Jesus, tanto Lucas (19, 37) como João (12, 17-18) referem que a multidão que saiu ao seu encontro era gente que tinha visto os milagres que Jesus tinha feito e, em especial, o da ressurreição de Lázaro. Ou seja, a gente que acompanhou Jesus na entrada em Jerusalém tinha na memória os sinais que ele tinha feito e, na ocasião, viu nele o Rei de Israel, o sucessor de David, na perspectiva do Antigo Testamento. Porém, o Profeta anuncia que o Messias será humilde, renunciará aos ornamentos dos reis históricos e montará uma jumenta e um jumentinho (Isaías 62,11; Zacarias 9,9). Tudo ao contrário do que seria pensável para uma entrada na cena política de um personagem real. Então, esta entrada de Jesus em Jerusalém representa uma como que subversão do que realmente queria mostrar. Repare-se, ainda, noutro aspeto. O “Filho de David” é identificado como “o profeta de Nazaré da Galileia”, precisamente o lugar donde o povo e as autoridades religiosas diziam que “não podia sair nada de bom” e “não saiam profetas” (S. João 1,46; 7,41.52). Numa palavra, em Jesus Cristo é patente o cumprimento integral

da Lei e dos Profetas, por um lado. E, por outro, Jesus mostra que a verdadeira grandeza política só se realiza na mais profunda humildade social. Bendito sejas, Senhor!

Santa Eucaristia: Isaías 50,4-9; Salmo 31,9-16; Filipenses 2,5-11

S. Mateus 27,11-54

¹¹Jesus estava de pé diante do governador e este começou a interrogá-lo: «Tu és o rei dos judeus?» Jesus respondeu: «Tu o dizes.» ¹²Mas, quando os chefes dos sacerdotes e os anciãos fizeram acusações contra ele, Jesus não respondeu nada. ¹³Pilatos perguntou-lhe: «Não ouves todas estas acusações que fazem contra ti?» ¹⁴E Jesus continuou a não responder nem uma palavra, de modo que o governador estava muito admirado.

¹⁵Era costume pela festa da Páscoa o governador soltar um preso à escolha do povo. ¹⁶Ora havia um prisioneiro muito conhecido chamado Jesus Barrabás. ¹⁷Pilatos perguntou então ao povo ali reunido: «Quem querem que eu solte? Jesus Barrabás ou Jesus chamado o Cristo?» ¹⁸Ele sabia muito bem que lhe tinham entregado Jesus por inveja.

¹⁹Quando Pilatos estava sentado no tribunal, a sua mulher mandou-lhe este recado: «Não te metas no assunto desse homem, que está inocente. Sofri muito a noite passada, num sonho, por causa dele.»

²⁰Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram o povo a pedir a Pilatos para soltar Barrabás e dar a morte a Jesus. ²¹O governador perguntou então ao povo: «Qual destes dois querem que vos solte?» Eles responderam: «Barrabás!» ²²Pilatos tornou a perguntar: «E que hei de fazer de Jesus, chamado o Cristo?» «Crucifica-o!», gritaram todos. ²³Pilatos insistiu: «Mas que crime cometeu ele?» O povo, porém, gritava cada vez mais: «Crucifica-o!» ²⁴Pilatos vendo que nada conseguia e que o povo ainda podia revoltar-se, mandou vir água, lavou as mãos diante de todos e disse: «Não serei eu o responsável pela morte deste homem! O assunto é vosso.» ²⁵E o povo todo exclamou: «Que a culpa da sua morte caia sobre nós e sobre os nossos descendentes!»

²⁶Então Pilatos soltou-lhes Barrabás. Depois mandou chicotear Jesus e entregou-o para ser crucificado.

²⁷Os soldados do governador levaram Jesus para o pátio do palácio do governador e a tropa juntou-se toda em volta dele. ²⁸Tiraram-lhe a roupa e cobriram-no com uma capa vermelha. ²⁹Fizeram uma coroa de espinhos entrançados e puseram-lha na cabeça. Colocaram-lhe uma cana na mão direita e ajoelhavam-se diante dele, a fazer troça, dizendo: «Viva o rei dos judeus!» ³⁰Cuspiam-lhe, tiravam-lhe a cana e davam-lhe com ela na cabeça. ³¹Depois de troçarem dele, tiraram-lhe a capa vermelha e tornaram a vestir-lhe a roupa. Por fim, levaram-no para o crucificarem.

³²Quando iam a caminho, encontraram um homem de Cirene chamado Simão e obrigaram-no a levar a cruz de Jesus. ³³Assim chegaram a um lugar chamado Gólgota que significa Caveira. ³⁴Deram a Jesus vinho misturado com fel, para ele beber, mas ele, depois de provar, não o quis beber.

³⁵Em seguida crucificaram-no. E tirando à sorte, dividiram entre si a roupa de Jesus. ³⁶Depois sentaram-se e ficaram lá a guardá-lo.

³⁷Por cima da cabeça de Jesus puseram um letrado que dizia o motivo da sua condenação: Este é Jesus, o rei dos judeus. ³⁸Juntamente com ele crucificaram também dois ladrões: um à sua direita e outro à sua esquerda.

³⁹Os que passavam por ali insultavam-no e abanavam a cabeça, ⁴⁰dizendo: «Olha o tal que ia deitar abaixo o templo e tornar a construí-lo em três dias! Salva-te agora a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!» ⁴¹Também os chefes dos sacerdotes, juntamente com os doutores da lei e os anciãos, troçavam assim de Jesus: ⁴²«Salvou os outros e não se pode salvar a si mesmo! Se é o Rei de Israel, que desça agora da cruz para acreditarmos nele!» ⁴³Pôs a sua confiança em Deus e até disse: «Sou Filho de Deus.» Nesse caso, que venha Deus agora

livrá-lo, se de facto lhe quer bem!»⁴⁴ Até os ladrões que foram crucificados com ele o insultavam.

⁴⁵A partir do meio-dia, toda a terra ficou na escuridão até às três horas da tarde. ⁴⁶Por volta das três horas, Jesus disse em alta voz: «Eli, Eli, lemá sabactáni?», que quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»⁴⁷ Alguns dos que ali estavam, ao ouvirem-no, diziam: «Aquele está a chamar por Elias!»⁴⁸ Um deles foi a correr buscar uma esponja, molhou-a em vinagre, pô-la na ponta de uma vara e chegou-lha à boca. ⁴⁹Mas outros diziam: «Deixem lá! Vamos a ver se Elias o vem salvar.»⁵⁰ Jesus, porém, tornou a clamar e deu o último suspiro. ⁵¹Naquele momento, a cortina do templo rasgou-se ao meio, de alto a baixo. A terra tremeu e as rochas estalaram. ⁵²Os túmulos abriram-se e muitos dos justos falecidos ressuscitaram. ⁵³Saíram dos seus túmulos e, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa, onde muita gente os viu. ⁵⁴O oficial romano e os soldados que estavam de guarda a Jesus, ao sentirem o tremor de terra e tudo o mais que aconteceu, ficaram cheios de medo e diziam: «Este homem era realmente o Filho de Deus!»

1. O Evangelho da Celebração Eucarística, neste Domingo, em qualquer dos Anos Litúrgicos, alude aos diversos episódios dos últimos dias da vida de Jesus, tal como os devíamos acompanhar ao longo das cerimónias da Semana Santa. Este ano, porém, pelo confinamento a que estamos sujeitos, teremos de nos socorrer da memória do que “vivemos” em Semanas Santas doutros tempos, lembrando os hinos cantados, os locais e acontecimentos revelados nas leituras bíblicas lidas com fervor e sentimento, as orações pungentes de emoção, os gestos e pensamentos de tristeza e piedade individuais. Então, nesta Semana, deixemo-nos tomar por essa “memória” de tão profundo significado para a nossa fé. E para facilitar esse ‘memorial’ invoco os dois momentos emblemáticos da última noite da vida de Jesus.

2. A Última Ceia – a narrativa do Evangelho de S. João desse ato fundamental para a adoração cristã ao longo dos séculos sugere um ato de amor. Começa no capítulo 13 com a referência de que Jesus “*tendo amado os seus (...) amou-os até ao fim*”, e termina no capítulo 17 com a promessa de Jesus de que “*o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.*” (João 17,26). O amor é o motivo que circunscreve todo o relato e disso nos dá conta o ‘lava-pés’: “*deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos*” (vs 4 e 5). Função de escravo que, em João, revelam o quanto a vida e morte de Jesus são o sinal do amor que ele tem aos seus.

O Getsemani – Só os Evangelhos de Mateus e Marcos chamam assim ao local onde Jesus vai orar e será preso. João refere que Jesus foi com seus discípulos para ‘um lugar onde havia um jardim’ (18,1) e, ainda, que havia um jardim onde foi crucificado, sepultado (19, 41) e ressuscitou. Há quem estabeleça uma relação entre tais referências e o jardim da criação do Éden e sugira que “o Evangelho de João nos apresenta a história de Jesus como um novo Génesis, uma nova criação.” (Clare Amos, biblicista anglicana).

Foi ali que Jesus orou dizendo em obediência humilde e final: “*não seja o que eu quero, e sim o que tu queres*”. Na versão de S. Marcos – e só deste – aquela única e sublime oração de Jesus começa com a palavra “*Abba*” (S. Marcos 14,36). É uma palavra aramaica, que significa “pai”, especialmente em contexto familiar e íntimo. Rowan Williams, antigo Arcebispo de Cantuária, no seu poema ‘Getsemani’, refere-se a “*abba*” como “*a palavra mais densa de todas*”. Na verdade, no cerne da vida e do ministério de Jesus está a profundidade da confiança e do compromisso implícitos na sua descrição de Deus como ‘Pai’. Então, o Getsemani é a ambiência em que se tocam dois extremos: a obediência de Jesus e a sua vulnerabilidade humana, por um lado; e, por outro, o seu próprio relacionamento íntimo com Deus. Mas, o Getsemani é também um lugar onde se confrontam Trevas e Luz. Quando Judas sai da última ceia “*era noite*” (S. João 13.31). E os que vão prender Jesus levavam consigo “*lanternas e tochas*”. Ainda, no relato de Lucas, Jesus aceita a sua prisão com as palavras: “*Esta é a vossa*

hora e o poder das trevas” (S. Lucas 22.53). O grande paradoxo, que muitas vezes nos tolda o pensamento e abala a fé: como é possível que Jesus, a Luz do mundo, possa ser preso e morto pelo ‘poder das trevas’? Isto sabemos e experienciamos: através da pressão, do esmagamento, da obediência e da oferta de amor que Jesus experimentou nesta noite e depois, no dia de sua morte, tornou-se um canal que nos atrai a si para sermos ‘transfigurados’ em ‘algo rico e estranho’, e, desse modo, florescermos na vida da sua ressurreição.

3. A Quaresma que terminou foi realmente um tempo de ‘renúncia’. Imposta pela pandemia do vírus COVID 19 interiorizámo-la assumindo a sua importância para a nossa sobrevivência. Na verdade, o medo do sofrimento e da morte pesa como imperativo nas nossas escolhas, até mesmo aquelas que restringem as nossas vontades. O isolamento coletivo, a quarentena, como meio de impedir o mais possível a transmissão do vírus, fez ‘crescer’ a sociedade em responsabilidade cívica acomodando-se a um modo de estar que lhe é desconfortável e sem fim à vista. Passámos dum ambiente de rua, efervescente de consumo e desperdício, a um deserto, um lugar vazio de pessoas. Nesse sentido, tal como somos solicitados no tempo da Quaresma, fomos assolados pela interioridade, na família, no olhar os outros e as coisas, em nós mesmos. Percebe-se que as pessoas não estavam habituadas a tal modo de estar e reagiram procurando esconjurar o medo e a preocupação com o que tinham mais à mão, a explosão barulhenta e alegre dos seus sentimentos. Mas, agora estamos a entrar numa segunda fase e o confinamento das pessoas às suas casas vai apertar. Isto é, à interioridade juntar-se-á o silêncio, aquele estado de alma que nos faz pensar sobre o que somos, o que fazemos, para onde vamos e com quem vamos. Uma Quaresma a continuar.

E a Páscoa, como vai ser, com as cerimónias da Semana Santa, Vigília Pascal e Domingo de Páscoa confinadas aos meios tecnológicos de transmissão, e nós separados dos irmãos em Cristo, mesmo de familiares bem próximos? Temos de apelar à nossa fé, também feita de memórias, convictos de que em Jesus a esperança sempre se renova e a Sua vitória sobre a morte transforma as nossas trevas em luz. Não esqueçamos que a fé é o nosso ‘combustível’ para gastarmos nos momentos de fraqueza. E tanto o choro quanto a alegria, tanto o lamento quanto o louvor, são expressões profundas da nossa fé bíblica. Digamos com o salmista: *“O choro pode durar uma noite inteira, mas a alegria vem com a manhã”* – Salmo 30,5.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana